

Jesus Cristo e os Pediatras

ANTÓNIO J. MACEDO

Serviço de Cardiologia Pediátrica – Hospital de Santa Marta

«Porque nasceu para nós um menino, um filho nos foi dado...» (Is 9,5)

Introdução

A existência de Jesus Cristo como homem está historicamente provada ⁽¹⁻⁷⁾. A mensagem evangélica, ou seja, a sua aceitação como Filho de Deus, um só com o Pai, ressuscitado, vivo e presente no meio de nós, o mesmo ontem, hoje e sempre, é porém um acto de fé.

A «vida pública» de Jesus, que só durou cerca de três anos, marcou a história universal como nenhuma outra ⁽¹⁾. O período que a precedeu e que inclui o chamado «evangelho de infância», é-nos porém mais desconhecido. No estilo biográfico típico da época, em que se enfatizava um dado facto ou período, os quatro evangelistas pouco falam da fase pediátrica de Jesus, inclusivamente só dois deles, Mateus e Lucas, nos presenteiam com algumas dessas passagens ⁽⁸⁾. S. Mateus assume uma atitude nitidamente teológica e narra episódios com um cariz marcadamente evangelizador, nomeadamente a visita dos reis magos, a fuga para o Egipto e a matança dos inocentes. S. Lucas, assume um relato mais preciso e detalhado, e os contactos que provavelmente teve com Maria, mãe de Jesus, forneceram-lhe dados importantes, tomando como exemplo o episódio de Jesus entre os doutores ⁽⁴⁾. S. Lucas foi um culto médico grego, devotado às letras e discípulo de S. Paulo ⁽⁷⁾ e é sobretudo a partir do seu evangelho que estas reflexões são tecidas ^(9, 10).

Após alguma leitura sobre a figura de Jesus Cristo, no âmbito da vivência do primeiro ano de preparação do grande jubileu do terceiro milénio ⁽¹¹⁾, achámos oportuno aprofundar um pouco mais os conhecimentos sobre a sua infância, analisando-a do ponto de vista pediátrico, à luz de conceitos médicos. Apresentam-se, primeiro os resultados da bibliografia consultada, numa descrição objectiva, no estilo de uma história clínica, destacando em particular aspectos que, pensamos, realçam a face humana de Jesus, tentando ir de encontro ao acto clínico que os

médicos por rotina praticam. Por fim fazem-se algumas reflexões acerca das relações entre Jesus-criança, os pediatras e as crianças suas doentes.

Não poderíamos deixar de partilhar esta experiência com os pediatras portugueses, pelo que ela tem de entusiasmante e fascinante, quiçá contributo para um encontro com a figura de Jesus Cristo.

Os factos.

A história pediátrica de Jesus.

Dos **antecedentes familiares**, sabemos que Jesus descendeu de linhagem real, prometido e esperado desde o Antigo Testamento ^(12, 13). Na sua árvore genealógica (Lc 3, 23-38), prova-se a sua pureza legal, como obediência à ideia fundamental da conservação da pureza do sangue no povo judaico ⁽³⁾. Não se ocultam porém antepassados menos dignos, como faria qualquer um que pretendesse mostrar a sua própria ascendência. De facto, os evangelistas não escondem nessa lista o nome de mulheres pecadoras, nem mesmo o de bastardos, como Farés, filho incestuoso de Judá, ou Salomão, filho adulterino de David ⁽¹²⁾. A mãe de Jesus, Maria, era adolescente quando engravidou, e seria saudável. Fora educada desde os três anos de idade, em Jerusalém, ao serviço do templo ⁽¹⁴⁾. José, embora não o sendo, desempenhou no entanto o papel de pai, velando por todos os aspectos inerentes ao crescimento e bem estar de um filho.

Cristo foi primogénito e filho único ⁽³⁾, sendo este aspecto posto em causa por outros autores ⁽⁴⁾.

A gravidez. Maria engravidou virgem pela acção do Espírito Santo, após a sua aceitação como colaboradora no plano de Deus, o que lhe foi anunciado pelo anjo Gabriel (Lc 1, 26-38). Engravidou muito jovem mesmo antes de se casar com José; por causa disso, aos olhos do povo da sua terra, Jesus foi provavelmente considerado

um filho ilegítimo ⁽²⁾. Outros Autores negam esta ilegitimidade, à luz dos conceitos da época. Assim, Maria, ainda que só prometida, poderia ser já considerada inteiramente mulher de José e a sua gravidez ser encarada naturalmente ⁽¹⁶⁾. Da gravidez só se sabe que Maria, no seu início, viajou para casa de sua prima Isabel, que estava também grávida de 6 meses. O percurso foi longo e muito perigoso ^(10, 14). Ao ver sua prima, Maria, inspirada pelo Espírito Santo, entoou um cântico revolucionário no campo espiritual, o Magnificat, enaltecendo a obediência, a humildade e o despojamento (Lc 1, 46-56), virtudes estas que irão ser seguramente as linhas mestras que usará na educação do seu filho. Neste episódio, Jesus seguramente ainda embrião, faz também a sua primeira intervenção pública: enchendo seus primos da Alegria do seu Santo Espírito, faz com que João «estremeça de alegria» no ventre de sua mãe (Lc I, 39-45). Passados três meses Maria regressou de novo a Nazaré.

Parto. Jesus Cristo foi um recém-nascido de termo (Lc 2,6). Hoje pensa-se que Jesus terá nascido 6 a 7 anos antes da data actualmente aceite ⁽⁴⁾. Já Keppler demonstrara a conjugação de constelações que poderão ter guiado os reis magos, para 7 anos antes do nascimento de Cristo ⁽¹³⁾. Assim sendo, distraidamente perdemos a verdadeira passagem para o terceiro milénio... ⁽¹⁵⁾. Cristo nasceu em Belém ⁽⁴⁾. Sabe-se que as condições do parto não foram as ideais, nem para a época, ocorrendo numa gruta, por não haver lugar na estalagem local (Lc 2, 1-7). Lucas não nos fala de quem assistiu Maria, mas uma fonte não oficial apresenta-nos uma mulher chamada Salomé como tendo sido a parteira, e é também noutro evangelho apócrifo que surgem as figuras dum jumento e dum boi como assistentes de primeira hora ao parto de Maria ⁽²⁾. Após o parto, Jesus foi envolto em panos e colocado numa manjedoura, sinais de identificação para os primeiros visitantes, os pastores que dormiam por perto (Lc 2, 8-20). Estes, pessoas segregadas pela sociedade da época, rudes e incultos ⁽¹⁴⁾, foram os primeiros visitantes do Messias.

História social. Jesus foi circuncidado aos oito dias de vida e como todo o primogénito do sexo masculino foi consagrado ao Senhor no templo (Lc 2, 21-24). A família de Jesus, estruturada segundo a cultura judaica ⁽³⁾ não era da classe média ⁽⁶⁾, mas, também não sendo rica, provavelmente não seria tão pobre como levaria a supor a oferta de duas pombas quando da apresentação no templo. O ofício de José, como carpinteiro local, deveria proporcionar-lhes um rendimento modesto mais estável ⁽⁵⁾. Provavelmente Jesus ficou sem o pai bastante cedo ⁽³⁾ e terá sido, durante longos anos, um artesão de aldeia ⁽⁴⁾.

Características físicas. *Jesus crescia em sabedoria, em estatura e graça, diante de Deus e dos homens* (Lc 2, 52). Termina assim Lucas a sua narração da infância.

Crescia em estatura, sabedoria e graça, provavelmente em graciosidade, perante Deus e os homens ⁽¹⁷⁾.

Jesus foi seguramente uma criança saudável, a contar pelo vigor físico que possuía, um dos traços mais salientes da sua actividade apostólica ⁽³⁾. Na realidade, o estilo de vida que levava e as grandes caminhadas que executava, marchas incessantes de vários quilómetros por dia, exigiam fortaleza física e boa saúde. O cansaço obrigava-o a repousar, mas provavelmente nunca teve nenhuma doença importante ⁽⁴⁾.

Não há descrições sobre a figura física de Jesus, e este é um dos aspectos frustrantes dos Evangelhos.

O seu tipo seria mediterrânico, cabelos escuros, pele morena e olhos castanhos. Pelas suas capacidades físicas de grande caminhante, seria robusto, bem constituído e com ar saudável ⁽⁴⁾. Nada se sabe sobre o seu rosto, mas seria belo e atraente, a julgar pela boa impressão que causava nas mulheres com quem contactava ⁽⁴⁾. O seu aspecto físico, associado ao seu discurso e comportamento, produziam uma impressão profunda sobre as pessoas. Os seus olhos deveriam ser expressivos, fazendo transparecer o seu carácter e inteligência; era terno e afectuoso, e sabia poisar dum modo especial o seu olhar sobre os outros, em particular sobre os jovens.

A infância. Desde a infância a adulto jovem, Jesus viveu em Nazaré da Galileia. A sua infância foi a de um jovem judeu de um meio simples mas aberto: escola da sinagoga, escola elementar e aprendizagem do ofício com o pai ^(3, 4, 16). Provavelmente aprendeu três línguas, o aramaico a língua do povo e que falava em casa, o hebraico antigo, a língua da liturgia e da sinagoga, e o grego ⁽¹⁶⁾.

Contrariamente ao descrito nos evangelhos apócrifos, que o apresentam como uma criança prodigiosa, Jesus terá sido uma criança normal, ainda que muito inteligente, mas sem quaisquer actos extraordinários que impressionassem a família ou os vizinhos ^(3, 16).

Jesus não fez nenhum curso superior nas escolas rabínicas nem estudou em Jerusalém como o fez Paulo de Tarso ^(3, 10, 16). Não foi discípulo de qualquer grande mestre nem obteve a categoria de sábio ⁽³⁾. Era mestre, não por ter aprendido em escolas rabínicas, mas apenas por aquilo que de facto ensinava, com autoridade própria ^(2, 3), um auto-didacta, directamente inspirado por Deus ⁽⁶⁾.

Os Judeus consideravam os galileus em geral, criaturas rudes, pagãs e pouco espertas, e faziam graças com o seu incompreensível dialecto nortista ⁽⁴⁾. Galileia seria a última região de onde se esperaria que viesse um grande mestre religioso ⁽⁶⁾. O ambiente geográfico em que

Jesus cresceu vai reflectir-se nos seus ensinamentos e modo de vida. As colinas da Galileia eram verdejantes e ricas, constituindo uma região amigável que se espraiava pelo lago de Tiberíades, o mar da Galileia, grande e azul, fértil em peixes ^(4,5). Inúmeras palavras suas reflectem o meio onde viveu ⁽⁴⁾. Enfim, à volta da oficina paterna reunir-se-iam mais camponeses e pescadores rudes que vinham do lago, do que doutores da lei. Ver-se-iam até aí mesmo mulheres públicas e homens sem piedade ⁽⁴⁾.

A educação humana de Jesus foi primordialmente da responsabilidade da mãe, Maria, que encheu de amor materno a sua vida pobre e tranquila, laboriosa, simples e casta ⁽¹⁾. A sua infância foi impregnada pelo sentido da vida, o gosto pelas coisas pequenas, a responsabilidade e o espírito de sacrifício ⁽³⁾.

Características psicológicas. Jesus foi seguramente uma criança muito inteligente, a deduzir pelo espanto dos doutores, que no templo ficaram maravilhados perante as perguntas e respostas de uma criança de doze anos de idade (Lc 2, 41-52). Neste episódio, Jesus mostrou por outro lado, ser um pré-adolescente saudavelmente normal, manifestando o desejo de independência próprio da idade, movido por uma causa que seguramente o apaixonava, o estudo da Sagrada Escritura ⁽⁴⁾, ou num sentido mais lato «estar na casa de Meu Pai». Também por esta passagem, podemos constatar que cedo começaram as suas afirmações, enquanto portador de um projecto que escapava à compreensão dos que o rodeavam, incluindo os seus pais ⁽¹⁷⁾. Apesar disso, mostra-se uma criança obediente, provando-o o facto de ter descido com os pais para Nazaré, sem qualquer resistência.

Jesus era uma criança alegre. O seu rosto irradiaria felicidade, testemunho da Boa-Nova que transmitia: sermos filhos de um Pai-Amor. Mais tarde seria um homem alegre e sociável, gostando de conviver com os amigos ⁽²⁷⁾.

Jesus manifestou-se como um jovem inteligente, vivendo o seu projecto apaixonadamente, mostrando-se porém sensato e prudente. A sua inteligência estruturou e dirigiu a sua força física e moral, estreitamente integradas na sua personalidade ⁽³⁾.

«Jesus crescia em sabedoria», isto é, na educação pelos sentidos e pela experiência, tal foi a sua aprendizagem teórica ⁽¹⁶⁾. Como cresceria em graça? Terá o amor aprendido a amar? A sua relação com o Pai foi, seguramente, sempre única, íntima e profunda, não se imaginando de outro modo ⁽¹⁸⁾. Mas, contrariamente à cristologia clássica, que atribuía à alma humana de Jesus a visão beatífica, a ciência infusa e experimental, a cristologia actual inclina-se mais para um conhecimento reflexivo, que Jesus vai descobrindo ao longo da sua vida ⁽³⁾. Foi-se estruturando também como um homem complexo, que

possuía no entanto o equilíbrio dos contrários: poeta e realista, terno e destemido, contemplativo e muito activo ⁽⁴⁾. Desde cedo mostrou-se obediente, por um lado, mas por outro inconformado com a sociedade em que vivia, por exemplo recusando a comportar-se como as pessoas esperavam que um *rabi* se comportasse: ao mesmo tempo que se mostrava apto a discutir com as escribas os pontos mais subtis da lei, fazia também coisas impensáveis para a época, como falar com marginais, nomeadamente prostitutas ou comer com os mais corruptíveis cobradores de impostos ⁽⁵⁾. No entanto, a unidade da personalidade de Jesus é perfeita: não há contradições entre o que diz e o que faz. Na harmonia entre o humano e o divino, na sua fidelidade ao Pai e entrega aos outros, o homem-Jesus é o homem autêntico, precisamente porque dando-se a Deus e ao homem precisado de salvação, se esquece de si mesmo e existe unicamente nesse esquecimento ⁽³⁾.

Comentários. No global, várias lições se podem tirar da infância de Jesus: lição de silêncio, indispensável condição de espírito; lição de vida familiar e santificação do trabalho ^(14, 19).

Como pessoa, foi uma figura polémica, de contradições e agitadora, por sua própria definição.

Na narração dos evangelhos há factos aparentemente paradoxais na sua vida, alguns mesmos escandalosos quando interpretados à luz do juízo humano. Pormenores da sua ascendência, as condições da gravidez e parto, os primeiros adoradores, o comportamento e os amigos de Jesus são disso um exemplo. Destas contradições, no entanto, podemos tirar algumas ilações: a primeira é que os evangelistas não as esconderam, mesmo quando não abonavam nada a favor do lado humano do homem-Deus que nos apresentam, o que, por outro lado, se transforma hoje em dia num forte argumento a favor da sua veracidade ⁽²⁾. A segunda ilação é que Deus, na sua «louca descida» ao encontro do homem, assumiu verdadeiramente a condição humana, entrando na nossa raça tal qual ela é, excepção feita ao último elo, Maria sua mãe imaculada ^(2, 12).

Deus fez-se homem, não se disfarçou de homem, em tudo igual a nós, excepto no pecado, que aliás não é parte substancial da natureza humana ⁽¹²⁾.

Deus *correu um risco grande*, (que calculou seguramente!), nas circunstâncias em que enviou o Seu Filho à terra. Pela época, com a mortalidade infantil de então, o risco físico, infeccioso, as condições do parto, poderíamos dizer que Jesus Cristo foi uma criança em risco. Maria teve seguramente um papel determinante em neutralizar estas componentes de risco, não só pelas próprias características físicas, culturais e psicológicas, mas pelo que lhe foi inspirado pelo Espírito Santo. Maria colabo-

rou também com o plano de Deus na preparação para o «derradeiro risco». O homem-Jesus foi preparado desde a infância para o «risco final», através da obediência, humildade e despojamento pessoal, traves mestras para o cumprimento do plano do Pai, que culminou com a morte na cruz. Tudo isto deveria acontecer para que o Cristo entrasse na sua glória (Lc 24, 26).

É possível e desejável o encontro com o Jesus humano, através duma análise científica da sua vida ⁽³⁾. A análise apresentada, longe de ser científica, está longe também de ser completa. Trata-se simplesmente de um testemunho, uma tentativa de crescimento na fé, faceta de uma busca constante do nosso encontro pessoal com Ele.

Todo o homem deve procurar o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ⁽²⁰⁾. É preciso porém que esse encontro se dê no coração e não na cabeça. Com a cabeça admiramo-lo, respeitamo-lo, como a qualquer grande figura pública. Com Jesus no coração, sentimo-nos amados e amamos verdadeiramente o Cristo vivo e ressuscitado ⁽²¹⁾.

Aos que lidam com crianças, uma mensagem final: Cristo-criança, Deus com Deus, ser infinitamente grande, soube tornar-se pequenino, acolher e retratar-se nos pequeninos. Nesta perspectiva, os médicos pediatras podem ver Jesus-criança em cada criança que tratam. Observar um lactente saudável, imaginando Jesus a sorrir-nos ao colo de sua Mãe, estendendo-nos a mão para a face, puxando-nos o estetoscópio, torna-se uma experiência única, espiritualmente gratificante. Cristo provavelmente nunca foi ao médico, mas esta «variante de exercício espiritual» ⁽²¹⁾ dá ao pediatra a oportunidade de se aproximar de Jesus, através do amor ao seu doente. Espiritualiza assim o acto clínico, e o Espírito Santo – mediador e santificador – derramará os seus frutos sobre aqueles que sinceramente o procurarem, criando ambientes a isso propícios ⁽²¹⁾.

Acolher e tratar os pequeninos como se fora a Jesus é uma etapa. Concomitantemente é desejável que nós próprios não tornemos crianças como Ele: crianças na ambição, no orgulho, na auto-suficiência; crianças no racionalismo ⁽²²⁾.

Só esvaziando o coração teremos lugar nele para Jesus e só Ele nos revelará o que há de pessoal nesse encontro. Só Ele, por intermédio do Espírito Santo, nos transmitirá a sua obediência, ensinando-nos essa passagem do não-sentido ao sentido, da morte para a vida, a ressurreição, ressurgimento em nós do Cristo vivo ⁽²³⁾.

Como disse Fernanda Sampayo, torna-se urgente demonstrar que o modo como vivemos se aproxima do modo como Cristo nos veio ensinar a viver ⁽²⁴⁾.

Nós diríamos que mais urgente ainda é abriremos o coração aos outros e mostrar o que lá vai dentro, sobretudo quando é Jesus que lá vive ^(21, 25).

Agradecimentos

Agradecemos a todos quantos reviram este artigo e que com as suas críticas e sugestões contribuíram em muito para a sua elaboração.

BIBLIOGRAFIA

1. Comissão Teológico – Histórica do Grande Jubileu do ano 2000 *Jesus Cristo Salvador do Mundo*. Edições Paulinas, Lisboa 1996.
2. Joaquim Carreira das Neves. *Jesus de Nazaré Quem és Tu?* Editorial Franciscana, Braga 1991.
3. Darío Gutiérrez Martín. *O Lado Humano de Jesus de Nazaré*. Edições São Paulo, Sacavém 1997.
4. Jean Claude Barreau. *Biografia de Jesus*. Publicações Europa-América, Sintra 1994.
5. David Watson e Simon Jenkins. *Jesus 2000. Jesus no seu tempo e no nosso*. Gráfica de Coimbra, Coimbra 1995.
6. Humphrey Carpenter. *Jesus*. Publicações D. Quixote, Lisboa 1982.
7. Joaquim Carreira das Neves. *Jesus Cristo História e Fé*. Editorial Franciscana, Braga 1989.
8. Michel Quesnel. *A História dos Evangelhos*. Editorial Perpétuo Socorro, Porto 1992.
9. Sociedade Bíblica Católica Internacional. *Novo Testamento*. Edições Paulistas, Lisboa 1993.
10. Comissariado da Terra Santa. *Bíblia Sagrada*. Editora Vozes. Seafox Multimídea. CD-Rom, S. Paulo 1996.
11. João Paulo II. *Às portas do terceiro milénio*. Ed. Rei dos Livros 1996, Lisboa.
12. José Luís Martín Descalzo. *Vida e Mistério de Jesus da Nazaré*. Vol. I. Editorial Missões. Cucujães 1994.
13. Vittorio Messori. *Hipóteses sobre Jesus*. Edições Salesianas, Porto 1987.
14. Dante Alimenti. *Seguindo a Jesus*. Vol. I. Editorial Verbo, Lisboa 1991.
15. Kenneth Woodwar. *Uh-Oh, may be we missed the big day*. Newsweek, 1997 Ag 18, 47.
16. Raul Machado. *Cristo sinal de contradição*. Edições Gama, Lisboa 1943.
17. Fernand Laudet. *História Popular de Jesus*. Coimbra Editora, Coimbra 1926.
18. Conferência «Jesus Cristo, quem és tu?». Pd. Nuno Tovar de Lemos, CUPAV Outubro 1997.
19. Francisco Janssen. *Este é o Cristo que os Evangelhos anunciam*. Raboni Editora, São Paulo 1997.
20. Alfrío José Pedrini. *Evangelizar é fazer Jesus acontecer*. Edições Pneuma, Lisboa 1997.
21. Robert Faricy. *Procurando Jesus em contemplação e discernimento*. Edições Emanuel, Coimbra 1995.
22. Mark Tully. *Deus, Judeu, Rebelde, O Jesus Oculto. Uma Investigação sobre as Vidas de Jesus*. Terramar, Lisboa 1997.
23. Roger Garaudy. *Será que precisamos de Deus? Temas e Debates*. Lisboa 1997.
24. Fernanda Sampayo. *Espectáculos sobre a vida de Cristo?* Acção Médica, 1973: 3.
25. Raniero Cantalamessa. *Jesus Cristo o Santo de Deus*. Edições Paulistas, Lisboa 1992.
26. Christian Makarian. *Maria Virgem e Mãe*. Ed. Publicações Europa América, Sintra 1997.
27. Soeur Emmanuelle. *Jesu como eu o conheço*. Ed. Gráfica Coimbra, Coimbra 1997.

Correspondência: António J. Macedo

Consultor de Cardiologia Pediátrica
Serviço de Cardiologia Pediátrica
Hospital de Santa Marta
Rua de Santa Marta
1150 Lisboa